

**PROFESSORAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:  
relações entre gênero, trabalho doméstico e docência****FEMALE TEACHERS DURING THE COVID-19 PANDEMIC:  
relationships between gender, domestic work and teaching****DOCENTES MUJERES DURANTE LA PANDEMIA COVID-19:  
Relaciones entre género, trabajo doméstico y docencia**

Maria Tereza Morais Medeiros Dias<sup>1</sup>  
Hadassa Monteiro de Albuquerque Lucena<sup>2</sup>  
André Duarte Lucena<sup>3</sup>  
Fabrícia Nascimento de Oliveira<sup>4</sup>  
André Luiz dos Santos Paiva<sup>5</sup>

**RESUMO**

A pandemia da COVID-19 ocasionou uma adaptação inesperada a um novo contexto de vida, incluindo as atividades educacionais, para as quais escolas, professores e gestores tiveram que buscar novos meios para dar continuidade aos trabalhos de ensino. Diante disso, a atual pesquisa como objetivo analisar os aspectos do trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19 de um grupo de 36 docentes do sexo feminino de uma escola da rede privada de ensino do oeste potiguar. A pesquisa é classificada como mista, do tipo quali-quantitativa, de caráter exploratório e descritivo, do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de um questionário disponibilizado na plataforma Google Forms. Os resultados indicaram que houve aumento da carga de trabalho durante a pandemia e a adaptação à modalidade remota foi considerada muito difícil. Também foram indicados sentimentos negativos como estresse, frustração e irritabilidade durante o período de trabalho remoto. Já acerca das relações entre trabalho e família, identificou-se uma fusão do espaço físico e temporal da dinâmica familiar com os afazeres laborais, ocasionando aumento do tempo extra dedicado ao trabalho, aumento da carga de trabalho doméstico e maior tempo de dedicação a atividades e cuidados com os filhos. Diante disso, sugere-se maior atenção à configuração do trabalho com estabelecimento de pausas, apoio psicossocial para mitigar ou identificar precocemente problemas de saúde mental e o desenvolvimento de políticas que facilitem o acesso dos profissionais a recursos tecnológicos e outros meios que mitiguem os problemas do trabalho em contextos similares ao da pandemia de COVID-19.

<sup>1</sup> Bacharel em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 0009-0008-3086-2468, [mariateresa\\_15@hotmail.com](mailto:mariateresa_15@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Educação na especialidade de Sociologia da Educação e Políticas Educativas pela Universidade do Minho, professora temporária no departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 0000-0001-7705-7951, [hadassa12albuquerque@gmail.com](mailto:hadassa12albuquerque@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Segurança e Saúde Ocupacionais pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, professor permanente no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 0000-0003-0181-4260, [andre.lucena@ufersa.edu.br](mailto:andre.lucena@ufersa.edu.br).

<sup>4</sup> Doutora em Fitotecnia, professora permanente no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 0000-0002-0333-0035, [fabricia@ufersa.edu.br](mailto:fabricia@ufersa.edu.br).

<sup>5</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor visitante no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 0000-0002-1887-9960, [alz.paiva@gmail.com](mailto:alz.paiva@gmail.com).

**Palavras-chave:** Carreira docente; Estresse; Dinâmicas familiares; Saúde ocupacional.

## ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has caused an unexpected adaptation to a new context of life, including educational activities, for which schools, teachers and administrators have had to seek new means to continue teaching work. In view of this, the current research aims to analyze the aspects of remote work in the context of the COVID-19 pandemic of a group of 36 female teachers from a private school in western Rio Grande do Norte. The research is classified as mixed, of the qualitative-quantitative type, exploratory and descriptive, on the case study kind. Data were collected through a questionnaire made available on the Google Forms platform. The results indicated that there was an increase in the workload during the pandemic and that adapting to the remote modality was considered very difficult. Negative feelings such as stress, frustration and irritability were also indicated during the period of remote work. Regarding the relationships between work and family, a fusion of the physical and temporal space of family dynamics with work duties was identified, resulting in an increase of time dedicated to work, an increase in the domestic workload and more time dedicated to activities and childcare. In view of this, it is suggested that greater attention be paid to the configuration of work, with the establishment of breaks, psychosocial support to avoid worsening mental health problems and the development of policies that facilitate professionals' access to technological resources and other means that mitigate work problems in contexts similar to the COVID-19 pandemic.

**Keywords:** Teaching career; Stress; Family dynamics; Occupational health.

## RESUMEN

La pandemia de COVID-19 provocó una adaptación inesperada a un nuevo contexto de vida, incluidas las actividades educativas, por lo que escuelas, docentes y directivos debieron encontrar nuevas formas de continuar con el trabajo docente. Ante esto, la presente investigación tiene como objetivo analizar aspectos del trabajo remoto en el contexto de la pandemia de COVID-19 de un grupo de 36 profesoras de una escuela privada del oeste de Rio Grande do Norte. La investigación se clasifica en mixta, del tipo cualitativo-cuantitativo, exploratoria y descriptiva, tipo estudio de caso. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario disponible en la plataforma Google Forms. Los resultados indicaron que hubo un aumento en la carga de trabajo durante la pandemia y se consideró muy difícil adaptarse al modo remoto. También se indicaron sentimientos negativos como estrés, frustración e irritabilidad durante el período de trabajo remoto. En cuanto a la relación entre trabajo y familia, se identificó una fusión del espacio físico y temporal de la dinámica familiar con las tareas laborales, provocando un aumento del tiempo extra dedicado al trabajo, un aumento de la carga de trabajo doméstico y un mayor tiempo dedicado a actividades y cuidado de los hijos. Ante esto, se sugiere mayor atención a la configuración del trabajo con el establecimiento de descansos, apoyo psicosocial para evitar el agravamiento de los problemas de salud mental y el desarrollo de políticas que faciliten el acceso de los profesionales a recursos tecnológicos y otros medios que mitiguen los problemas laborales. en contextos similares a la pandemia de COVID-19.

**Palabras clave:** Carrera docente; Estrés; Dinámica familiar; Salud ocupacional.

## INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, é indispensável o aprofundamento de estudos sobre o conflito entre trabalho e família de docentes, principalmente no caso de mulheres, que

mais frequentemente assumem papéis sociais com demandas específicas no contexto familiar. Isso ocorre por termos na educação básica, de acordo com dados do MEC (2022), uma maioria de docentes mulheres em todos os níveis de ensino básico, sendo elas 97,2% nas creches e 94,2% na pré-escola; 77,5% no ensino fundamental; e 57,5% no ensino médio.

Nesse contexto, o presente trabalho debruçou-se, através de pesquisa mista, sobre analisar os aspectos do trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19, com ênfase nas questões de gênero e do conflito entre trabalho e família de um grupo de docentes do sexo feminino de uma escola da rede privada de ensino localizada na região oeste do Rio Grande do Norte. Para isso, foram coletados, por meio de um questionário disponibilizado na plataforma do Google Forms, respostas de 36 professoras que indicaram suas percepções e vivências no contexto pandêmico.

Inicialmente são explicitados aspectos teóricos importantes para situar o artigo, momento no qual discutimos as relações entre docência e pandemia; docência e gênero; e conflitos entre trabalho e família através de revisão narrativa de literatura. Após isso, realizamos a apresentação da metodologia, dos resultados e da análise dos dados coletados, que recaíram sobre a explicitação do perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa; aspectos profissionais gerais e no período de pandemia, bem como as relações entre atividade laboral e domésticas; e, por fim, os aspectos socioemocionais que puderam ser explicitados através da pesquisa.

## FUNDAMENTAÇÃO

### Docência e pandemia

Durante a pandemia do COVID-19, que teve seu pico entre os anos de 2020 e 2021, as profissionais docentes tiveram que rapidamente reestruturar suas atividades de trabalho, bem como suas relações com a família. Esse processo, notadamente marcado pela inserção de tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem, exigiu a reinvenção e adaptação das docentes num contexto que, de forma geral, foi marcado por muitas angústias e inseguranças relacionadas a aspectos de saúde, socialização e econômicos (Pereira et al., 2023).

O uso de tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem até antes do contexto pandêmico ocorriam de forma incipiente ou inexistente nos contextos educacionais presenciais, restringindo-se, na maior parte dos casos, à educação à

distância. Isso refletia-se tanto na prática docente quanto nas possibilidades de seus usos por parte dos discentes, aspecto ainda mais decisivo quando é observada a desigualdade no acesso a essas tecnologias, momento no qual o marcador de classe social sobressai (Santos et al., 2021).

Nesse contexto, ficaram nítidos alguns dos obstáculos com os quais muitas pessoas docentes tiveram que se confrontar. Questões específicas surgiram, como as relacionadas à continuidade dos processos de ensino e aprendizagem formais, sua forma de implementação e sua eficácia em contexto tão adverso, produzindo um cenário ansiogênico (Pereira et al., 2023) que afetou a atividade docente não apenas em seu formato, mas também a saúde física e mental desses indivíduos (Cruz; Coelho e Ferreira, 2021).

Cruz; Coelho e Ferreira (2021) explicitam como o contexto pandêmico demandou um novo perfil docente, atrelado ao domínio de tecnologias da informação e comunicação, bem como flexível para adaptação de suas práticas num cenário incerto e em constantes mudanças. Tudo isso ocorreu num cenário no qual as docentes eram convocadas a contribuir com a manutenção das experiências sociais e aportes para lidar com os processos psicossociais que se abatiam sobre os estudantes, num processo que muitas vezes parecia ignorar que os próprios docentes também estavam passando por fragilidades atreladas ao contexto pandêmico, assim como a quase total ausência de formação continuada para facilitação da adaptação docente ao novo contexto de ensino.

Em pesquisa realizada por Lobo et al. (2021) com professoras no contexto da pandemia do COVID-19, verificou-se que ocorreu um aumento significativo na carga de trabalho docente, relacionado não apenas aos momentos de aula, mas também às variadas demandas, advindas da gestão escolar ou dos pais, que deviam ser respondidas através de aplicativos de mensagens instantâneas, o que levou a uma partilha do tempo em casa com as demandas de cuidado com a família. Nesse sentido, novamente pode-se notar que ocorreu um chamado para as docentes participarem profissionalmente no manejo de dúvidas e angústias de estudantes e seus familiares sem demarcação de horário e sem que houvesse uma dinâmica de atenção a esses mesmos fatores que também atingiam as profissionais da educação.

Todo esse cenário agravou as dinâmicas de sofrimento psíquico dos profissionais da educação, que já tinham e têm em sua atuação habitual maiores índices de adoecimentos relacionados ao trabalho, o que ocasionou o crescimento de condições como as de depressão, ansiedade e estresse. De acordo com Souza et al. (2021), isso

ocorreu devido ao aumento do desgaste no processo de trabalho docente, considerando-se desgaste “como a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica resultante do processo de adaptação dos trabalhadores frente às demandas e interações decorrentes de suas funções” (p. 141). Para as autoras, esse desgaste relaciona-se tanto às condições materiais e informacionais quanto interpessoais às quais os docentes foram submetidos.

O desgaste pode estar vinculado ao que Buchweitz (2021) denominou de afobamento ocasionado pelo período de ensino remoto, no qual decisões tiveram que ser tomadas rapidamente e, na maior parte das vezes, impostas de forma vertical da gestão escolar em direção aos docentes. Toda essa dinâmica exige um olhar mais detido às sensações e angústias que atingiram profissionais de educação de forma geral, bem como as especificidades das docentes do gênero feminino, dada sua grande inserção nesse campo de trabalho.

### **Docência e gênero**

Durante muitos séculos, ao menos na história ocidental, o papel social da mulher foi restrito ao ambiente doméstico, com atividades que iam desde a manutenção e ordem da casa à educação dos filhos, preparação dos alimentos e cuidado com as roupas.

No Brasil, a ida da mulher para o mercado de trabalho está fortemente associada à docência, uma vez que a Proclamação da República e o aumento da oferta de educação formal, fez com que as mulheres fossem recrutadas para tal função. A esse recrutamento para a docência estão associadas construções de gênero, pois as escolhas exigiam como características: “[...] senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimento se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e o de bordar” (Louro, 2007, p. 457).

Quando nos referimos a escolhas com base no gênero, estamos a utilizar o termo como uma categoria sociológica que se refere não às diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas aos papéis socialmente construídos (Beauvoir, 1949). Estas discussões em torno da condição feminina no campo das Ciências Sociais, surgem com a teoria evolucionista no século XIX.

Assim, vários estudos realizados nos séculos XIX e XX são importantes para compreender a construção dos diversos papéis sociais que a mulher ocupa na sociedade. Henry Morgan (1976) e Friedrich Engels (1980) postularam a teoria de que as relações entre homens e mulheres se modificam com o passar do tempo seguindo etapas

evolutivas. Para construir tal afirmação, realizaram estudos sobre a família e a diferenciação social.

Os estudos em torno do conceito de gênero também ganharam uma importante contribuição no século XX com a publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), que aborda a desigualdade entre homens e mulheres como um produto da sociedade.

Também no século XX, a antropóloga Margareth Mead (2000) publica sua tese na qual defende que não há relação entre o temperamento do indivíduo e o sexo biológico. Suas afirmações estão pautadas nos estudos que fez com distintos povos de diferentes culturas, como os Arapesh da Montanha e os Mundgmor, por exemplo. Nas pesquisas que realizou ela observou diferentes configurações sociais nas quais o cuidado com as crianças, cultivo dos alimentos, caça e relações econômicas variavam entre os homens e mulheres dos povos observados, desmistificando a ideia que se tinha na cultura ocidental a respeito de papéis tidos como naturais entre homens e mulheres.

Deste modo, a expansão da oferta de escolarização às classes populares estava fortemente associada às representações de gênero, pois se precisava de mão de obra rápida e barata e, para isso, utilizou-se discursos que atribuíam à docência na educação básica, ideais como missão, sacerdócio e habilidade natural das mulheres para cuidar de crianças. Catani et al. (1997, p. 28-29) explicam que os discursos eram construídos de forma a “[...] exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres”

Até os dias atuais há uma estratificação de gênero no que se refere ao âmbito da docência, pois as áreas da educação que são menos remuneradas, tais como a educação infantil e os anos iniciais, são exercidas predominantemente por mulheres (Vianna, 2002). Essa ocupação das áreas profissionais da educação menos remuneradas, de acordo com Chamon (2005), foi construída a partir de discursos que se utilizavam de atributos tidos como naturais às mulheres, tais como afinidade para o trabalho com crianças, temperamento mais dócil e afetivo, mas que na verdade escondem interesses capitalistas.

Deste modo, esses discursos parecem influenciar a nossa sociedade também atualmente, uma vez que 79% dos profissionais docentes da educação básica são mulheres. Os dados ainda informam que quanto menor o nível educacional e consequentemente a idade dos discentes, maior é a ocupação dos cargos por professoras.



Em 2022, os dados do Censo Escolar divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) informam que na educação infantil, as professoras ocupam 97,2%, nas creches e 94,2% na pré-escola. No ensino fundamental, que corresponde do 1º ao 9º ano, as mulheres são 77,5%. Este percentual chega perto de se equilibrar com a quantidade de homens na docência da educação básica apenas no ensino médio, onde elas representam 57,5% do total de 545.974.

Assim, ao estudarmos esta atividade profissional específica, tendo as questões de gênero como elementos a serem observados, temos que ter em vista que haverá sobreposição de papéis sociais específicos, uma vez que tanto no âmbito doméstico como no da docência, predomina a presença feminina. No período da pandemia causada pela Covid-19, trabalho e convivência familiar dividiram o mesmo ambiente, possibilitando novas análises a respeito das questões de gênero e docência.

Por estarem em casa, as professoras tiveram que lidar com a presença de mais pessoas no agora ambiente misto entre o doméstico e o de trabalho, pessoas essas que, muitas vezes, demandavam atenção e cuidado por parte dessas mulheres, como é o caso das crianças. Nesse contexto, as jornadas de trabalho dupla ou tripla das mulheres passaram a ocorrer no mesmo espaço de forma concomitante, o que adensou as dificuldades de conciliação e facilitou o aparecimento de questões socioemocionais explicitando e adensando as iniquidades de gênero (Pereira et al., 2023).

### **Conflito trabalho-família**

O conflito trabalho-família ocorre entre profissionais dos mais variados ramos de atividades. Conceitualmente, esse fenômeno ocorre como uma forma de conflito entre papéis em que as demandas dos domínios do trabalho e da família são mutuamente incompatíveis. Geralmente, essas demandas estão relacionadas minimamente a três dimensões: temporal, comportamental e de tensões entre os papéis dos dois domínios, podendo seguir tanto a direção de influência do trabalho sobre a família como da família sobre o trabalho (Greenhaus; Beutell, 1985).

Um aspecto relevante relacionado ao conflito trabalho-família é a satisfação no trabalho (Mohammed et al., 2022). Ao estudar o efeito da pandemia de COVID-19 em professoras do ensino público saudita, Al-Alawi et al. (2021) identificaram que o conflito trabalho-família está fortemente relacionado com a satisfação no trabalho e com o equilíbrio entre vida profissional e pessoal. Em estudo semelhante com professoras de

pré-escola na China no período de pandemia, Hong; Liu; Zhang (2021) identificaram que o conflito trabalho-família foi afetado negativamente de forma significativa pela sobrecarga de trabalho e pela satisfação no trabalho. O conflito trabalho-família também foi negativamente correlacionado com o bem-estar ocupacional de professores de ensino fundamental e médio em outro estudo com professores de pré-escola na China (Zhou et al., 2021). Já entre professores da Malásia, durante a pandemia, Ibrahim et al. (2020), identificaram que apenas o conflito na direção família-trabalho apresentou associação positiva com a satisfação laboral. Portanto, há indícios e relatos de experiências na literatura de que o conflito trabalho-família afetou o desempenho e a satisfação laboral de professores durante a pandemia (Mohammadi; Faskhodi, 2021; Wijayati; Kautsar; Karwanto, 2020).

A sobrecarga de trabalho também foi vivenciada e relacionada com o conflito trabalho-família durante a pandemia. O uso de dispositivos e tecnologias de informações, principalmente fora do horário de trabalho (Andrade; Lousã, 2021), assim como o aumento das demandas cognitivas e invasividade (Ghislieri et al., 2021), podem ser preditores do conflito trabalho-família. Mas, a relação entre sobrecarga tecnológica e bem-estar psicológico podem ser mediados pelo conflito trabalho-família (Rîglea; Rus; Rațiu, 2021). Contudo, a recuperação e o direito de desconexão podem ser atenuantes dos efeitos da sobrecarga de trabalho no contexto do conflito trabalho-família, considerando o uso intenso de tecnologias de informações (Ghislieri et al., 2021).

Durante a pandemia de COVID-19 o esgotamento, a exaustão emocional e burnout apresentaram aumento de frequência, inclusive nos estudos sobre conflito trabalho-família (Allgood; Jensen; Stritch, 2022; Barriga Medina et al., 2021). Há indícios de que o conflito trabalho-família e o capital psicológico, ou seja, maior capacidade de resiliência, autoeficácia, otimismo e esperança, têm correlação com o desgaste do trabalho (Pu et al., 2017). Entre professores, durante a pandemia de COVID-19, o conflito trabalho-família apresentou-se relacionado à exaustão emocional, sendo mais forte entre os professores com maior capital psicológico (Burić et al., 2022). Também há indícios de que o conflito trabalho-família tenha associação com burnout vivenciada por professores de escolas públicas primárias na Índia (Chakravorty; Singh, 2021).

Na pandemia, o ambiente de casa foi invadido pelo trabalho com o uso intenso das tecnologias de informações e dispositivos eletrônicos. Durante a pandemia,



professores passaram a não ter separação de horários para trabalho e outras atividades da vida, muitas vezes sendo necessário estarem conectados constantemente. Rîglea; Rus e Rațiu, (2021) sugerem a necessidade de aumentar a capacidade de enfrentamento dos funcionários com tecnoestresse e seu bem-estar psicológico, reduzindo o conflito trabalho-família e o tecnoestresse. Ghislieri et al. (2021) falam sobre o direito de desconexão.

Esse conflito não diz respeito apenas aos professores e às suas reações ou estratégias de enfrentamento, mas também passa pelo papel das instituições e dos gestores (Karakose et al., 2021), inclusive em considerar as diferenças de gênero dos professores. Mesmo antes da pandemia já se indicava a necessidade de criação de programas organizacionais que aliviassem os conflitos trabalho-família (Cinamon; Rich, 2005) e da importância das escolas promoverem uma cultura positiva de trabalho-família (Bragger et al., 2005). No âmbito da pandemia, alguns autores indicaram que diretores e gestores deveriam fornecer formação e suporte psicológico diante das mudanças que afetaram a interface entre trabalho e vida de professores, especialmente nas escolas primárias e secundárias (Loscalzo, 2021), atuando de forma que reduzisse o conflito dos professores (Li; Chen; Gao, 2022) e promovesse o equilíbrio das demandas entre carga de trabalho e o ambiente de trabalho (Ibrahim et al., 2020). Essa responsabilidade foi estendida às instituições: tanto as escolas devem ser incentivadas a fornecerem práticas eficazes para gerenciar as interfaces trabalho-família (Chakravorty; Singh, 2021), como empresas e instituições governamentais devem adotar soluções organizacionais e desenvolver políticas públicas para mitigar as potenciais consequências adversas para a carreira e o bem-estar de mulheres (Frank et al., 2021), reduzindo os níveis de conflito trabalho-família (Neo; Tan; Chew, 2022), sobretudo de mães trabalhadoras.

Tratando-se de família, alguns padrões de parentalidade sofreram mudanças durante a pandemia, e em alguns casos o conflito trabalho-família amorteceu o aumento dessa mudança nas mães e pode ter reforçado os padrões de gênero de cuidados infantis (Bernhardt; Recksiedler; Linberg, 2022). Pais e mães trabalhadores sofreram mais na pandemia do que aqueles que não são pais (Montazer et al., 2022). No estudo de Reimann; Peters e Diewald, (2022), ao analisarem as diferenças de gênero e paternidade nas experiências de conflito trabalho-família durante a pandemia, identificaram que o conflito aumentou, destacando a necessidade de compensar a falta de creche externa, além de ter que trabalhar em casa. Em outro estudo, Frank et al. (2021) identificaram

que as mulheres eram mais propensas a serem responsáveis pelo cuidado dos filhos ou pela escola e tarefas domésticas durante a pandemia em comparação com os homens. As mulheres também eram mais propensas do que os homens a trabalhar principalmente em casa e reduzir suas horas de trabalho. As mulheres experimentaram maior conflito trabalho-família, conflito família-trabalho e sintomas relacionados a humor, ansiedade e estresse em comparação com os homens. Observou-se uma diferença entre mulheres e homens nos sintomas depressivos durante a pandemia de COVID-19 que não estava presente antes da pandemia.

## **METODOLOGIA**

Este estudo é classificado como misto, bem como exploratório e do tipo estudo de caso. É de caráter misto por combinar elementos de abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa. Ou seja, apresenta resultados em termos numéricos e por descrições verbais. Quanto ao seu propósito, classifica-se como exploratória por buscar explorar o fenômeno estudado. Quanto aos procedimentos, pode ser classificado como um estudo de caso que consiste no aprofundamento exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 2022).

As professoras que participaram desta pesquisa trabalham em uma escola da rede particular de ensino, que atua no mercado há 94 anos e está localizada em uma cidade do oeste do Rio Grande do Norte, tendo sido escolhida por conveniência, devido a contatos prévios com a instituição. No período da coleta de dados, a instituição contava com 1.507 alunos e 127 funcionários, estando eles distribuídos em funções administrativas, pedagógicas e de manutenção. Desse quantitativo de funcionários, 74 são professores, sendo 17 homens e 57 mulheres, das quais participaram deste estudo 36 professoras, constituindo uma amostra não-probabilística. A escola oferta desde a educação infantil ao ensino médio, funcionando a maior parte das turmas no turno matutino, contando apenas com turmas de ensino fundamental I e esportes no turno vespertino.

Inicialmente, elaborou-se o termo de consentimento livre e esclarecido apresentando o objetivo e descrição da pesquisa, como também um campo para declaração do consentimento dos participantes. Esse termo foi apresentado no início do formulário utilizado para coleta de dados das professoras que foi implementado e enviado pelo Google Forms, contando com perguntas objetivas e subjetivas. Esse

formulário constou de 26 perguntas divididas em 5 seções: Dados sociodemográficos, aspectos da atividade profissional, aspectos do trabalho durante a pandemia, trabalho doméstico e aspectos socioemocionais.

A primeira seção contou com 7 questões, sendo 5 objetivas e 2 subjetivas, abordando dados sociodemográficos, sendo eles: idade, estado civil, escolaridade, cor/etnia, filhos, idade dos filhos ou adultos que moram com as docentes.

A segunda seção também foi composta por 7 questões, sendo 5 objetivas e 2 subjetivas, tratando sobre aspectos da atividade profissional, tais como: tempo de atuação da professora na instituição, séries que ensinava, se possuía outro vínculo, se também era como docente, horas semanais dedicadas à ministração de aulas, carga horária semanal de outras atividades relacionadas ao trabalho e se já se afastou da atividade por razões de saúde ocupacional.

A terceira seção constava de 3 perguntas objetivas, abordando aspectos do trabalho durante a pandemia, quais sejam: percepção sobre a carga de trabalho, adaptação ao regime de ensino adotado e o quanto foi necessário se dedicar ao trabalho em turnos diferentes do contratado.

A quarta seção constou de 4 questões, sendo 1 objetiva e 3 subjetivas, relacionadas a aspectos do trabalho doméstico, tais como: a avaliação do aumento da carga de atividades domésticas, as que mais realizavam, se tinham crianças na família e as atividades realizadas para as crianças e horas diárias dedicadas ao cuidado das crianças.

A quinta seção foi composta por 6 questões, sendo 3 objetivas e 3 subjetivas, abordando aspectos socioemocionais incluindo o efeito do isolamento sobre relações interpessoais, como as professoras se sentiam ao trabalharem de forma remota e quais as estratégias de autocuidado e lazer adotadas pelas docentes.

O formulário foi enviado virtualmente para cada docente sendo disponibilizado para preenchimento de agosto a setembro de 2021. Após a coleta, os dados foram estratificados em planilhas eletrônicas e foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais como tratamento dos dados. Os resultados encontrados foram confrontados com a literatura.

Os dados também foram analisados pelo coeficiente de correlação de Spearman. Entretanto, para efeitos de apresentação dos resultados, utilizou-se quadros constando apenas as variáveis que apresentaram valores de correlação moderada e forte ( $r \geq 0,5$  e  $r \leq -0,5$ ) e que apresentaram significância estatística ( $p \leq 0,01$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, identificou-se as características da amostra estudada. Observou-se que das 36 docentes, 94,4% possuem idade até 45 anos; a faixa com maior número de resposta foi entre 31 e 35 anos com 27,8%; as docentes entre 18 e 25 anos constituem 8,3% da amostra e 5,6% tinham mais de 45 anos de idade. A faixa etária que tem o maior número de respondentes representa um grupo relativamente jovem, não sendo considerado como grupo de risco pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2021).

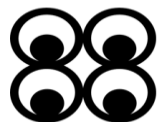
A rotatividade é um dos problemas do segmento da educação no âmbito privado. Como o grupo estudado era formado por professoras da rede particular de ensino, é possível que o período mais crítico da pandemia também tenha lhes afetado na dimensão emocional por esse fator, já que houve demissões no setor privado, inclusive nas escolas, pois não estão entre as organizações de atividades consideradas essenciais (De La Cruz; Dutra, 2021). Apesar do possível receio de demissão iminente à época, para pessoas mais jovens pode ser menos difícil se reinserir no mercado no caso de demissão e lidar com uma mudança de emprego.

Entre as professoras 41,7% eram solteiras, 33,3% casadas, 8,3% vivem em união estável e 16,7% são divorciadas. Uma das medidas para controle da pandemia foi o isolamento social que também causou sofrimento, principalmente para as pessoas que não tinham familiares próximos para compartilhar esse momento de incerteza, tanto pela doença como também em relação ao futuro e à estabilidade.

Em relação ao nível de escolaridade, 52,7% das professoras possuíam pós-graduação, seja em nível de mestrado (8,3%) ou especialização (44,4%); 33,3% tinham apenas graduação e uma minoria (13,9%) graduação incompleta.

Quando questionadas em relação à cor e etnia, 42,0% informaram se considerar pardas, 36,0% brancas, 14,0% amarelas e 8,0% pretas. De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica (INEP, 2022), 42,8% dos docentes se declararam brancos, 4,7% pretos, 26,4% pardos, 0,9% como amarelos, 0,8% como indígenas e 24,8% não declararam.

Entre as participantes, 61,1% possuem filhos e 38,9% não possuem. Entre as mães, 55,9% possuem filhos com idade de até 10 anos e 44,1% possuem filhos com idade acima de 10 anos. Considerando que os filhos menores de 10 anos estavam em idade escolar regular do Ensino Fundamental I e que durante a pandemia houve uma



flexibilização sendo permitida às escolas de ensino privado o retorno presencial das atividades presenciais até o 5º ano do Fundamental I, desde que atendessem os critérios estabelecidos no Decreto nº 30.458 de 1º de abril de 2021, houve uma provável diferença entre as atividades desses dois grupos de professoras-mães nas suas atividades domésticas e de trabalho remoto.

As professoras, em sua maioria, não moram sozinhas, uma vez que 83,4% das professoras têm mais uma, duas ou três pessoas morando com elas. Portanto, as influências do trabalho remoto sobre a vida das docentes não dependem apenas delas, mas influencia e é influenciada por outras pessoas com quem elas vivem. No que tange a esse aspecto, se considerados apenas os adultos, a maior parte das docentes convive no âmbito doméstico com até dois adultos. Dentre as demais, duas professoras residem com mais três, uma com quatro e uma com seis.

Tabela 1. dados sociodemográficos

Variáveis	Categorias	Frequência	%
Idade	Entre 18 e 25 anos	3	8,3%
	Entre 26 e 30 anos	9	25,0%
	Entre 31 e 35 anos	10	27,8%
	Entre 36 e 40 anos	8	22,2%
	Entre 41 e 45 anos	4	11,1%
	Entre 46 e 50 anos	1	2,8%
	51 anos ou mais	1	2,8%
Estado civil	Solteira	15	41,7%
	Casada	12	33,3%
	União estável	3	8,3%
	Divorciada	6	16,7%
Escolaridade	Graduação Incompleta	5	13,9%
	Graduação Completa	12	33,3%
	Especialização	16	44,4%
	Mestrado	3	8,3%
Cor / Etnia	Amarelo	5	14%

	Branco	13	36%
	Pardo	15	42%
	Preto	3	8%
Filhos	Sim	22	61,1%
	Não	14	38,9%
Faixa etária dos filhos morando com a docente	0 a 3 anos	7	20,6%
	4 a 6 anos	4	11,8%
	7 a 10 anos	8	23,5%
	11 a 15 anos	4	11,8%
	16 a 18 anos	5	14,7%
	Maiores de 18 anos	6	17,6%
Total de pessoas na casa (docentes, filhos menores de 18 e adultos)	1 pessoa	3	8,3%
	2 pessoas	10	27,8%
	3 pessoas	9	25,0%
	4 pessoas	11	30,6%
	Acima de 4	3	8,3%
Total de adultos (exceto docentes e filhos menores de 18 anos)	Nenhum adulto	11	30,6%
	1 adulto	15	41,7%
	2 adultos	6	16,7%
	Acima de 2 adultos	4	11,1%
Total de adultos acima de 65 anos	Nenhum idoso	31	86,1%
	1 idoso	3	8,3%
	2 idoso	2	5,6%

Fonte: Autores, 2024

No primeiro momento da pesquisa, buscou-se identificar algumas características sociodemográficas do grupo estudado. Mediante os resultados, dos 43 respondentes, 83,7% foram mulheres e 16,3% homens, perfazendo uma predominância feminina entre os educadores da instituição, sendo sobre esse grupo que o presente artigo se debruçou. Quanto às idades, estas corresponderam a várias faixas etárias, desde 18 a 51 anos ou mais. Essa divisão é exposta na Tabela 1.



Em relação ao estado civil, a maioria das docentes se apresentaram no estado de solteiras, correspondendo a 41,7%, seguido de 33,3% casadas, 16,7% divorciados e 8,3% em união estável. Ninguém se manifestou como viúva. Quanto à escolaridade dos respondentes 5 tem graduação incompleta (13,9%), 12 apresentam graduação completa (33,3%), 16 professores têm o título de especialista (44,4%) e 3 são mestres (8,3%). Quanto à cor 36% se consideraram brancas, 42% pardas, 14% amarelas e 8% pretas. Quando questionados se tinham filhos, 61,1% responderam que sim e 38,9% que não.

### **Aspectos da atividade profissional**

Na segunda seção as docentes responderam alguns questionamentos sobre a atividade profissional. Quando indagados do tempo que lecionavam na instituição obteve-se as seguintes respostas: De 1 a 5 anos foram 47,2%, de 6 a 10 anos tiveram 41,7% das profissionais; 2,8% trabalham na escola de 11 a 15 anos; de 16 a 20 anos não se recebeu nenhuma resposta; e de 21 anos ou mais foram 8,3% das professoras.

Após isso, buscou-se identificar em quais séries essas docentes davam aulas, para isso a pergunta foi dividida por níveis de ensino. Na educação infantil (Nível I ao Nível V) foram 30,5%, no ensino fundamental I (1º ao 4º ano) atingiu 36,1% dos respondentes, no ensino fundamental II (5º ao 9º ano) tivemos 19,5% e no ensino médio (1ª a 3ª série) resultou em 13,9% das professoras. Obtendo-se uma classe totalmente feminina nas séries da educação infantil, fases em que as crianças necessitam de mais cuidados, o que corrobora com Wolff (2010) quando afirma que nossa sociedade impõe a existência de trabalhos e ocupações consideradas femininas, ligando essa afirmação a profissões consideradas de cuidados e educação, gerando uma diferença de gênero.

Questionou-se também se possuíam outro vínculo ou atividade empregatícia, 55,6% responderam que sim e 44,4% que não exercem outra atividade remunerada. Das docentes que exercem, 31,2% também é como professora e 68,8% realizam outras atividades que não estão relacionadas ao ofício. Fazendo a média das respostas, as docentes dedicam 28,2 horas semanais para ministrar aulas.

Mediante esses assuntos relacionados às atividades trabalhistas também se averiguou no grupo de trabalhadoras se já haviam se afastado do ambiente de trabalho por motivos de doenças relacionadas ao emprego. Das entrevistadas, 80,6% responderam que não se afastaram e 19,4% que já se afastaram por algum motivo de doença relacionada ao trabalho.

### **Aspectos do trabalho durante a pandemia**

Nessa seção foram avaliadas as demandas do trabalho durante a pandemia do COVID-19. As educadoras foram indagadas quanto ao aumento e diminuição da carga de trabalho durante a pandemia, das entrevistadas, 55,6% apontaram que aumentou muito; 33,3% disseram que aumentou um pouco; 8,3% demonstraram que não mudou em nada, e 2,8% explicitaram que diminuiu um pouco.

Outro quesito foi sobre a questão da avaliação da adaptação ao regime de ensino adotado durante esse tempo. Das respondentes, 63,9% apontaram que foi difícil de se adaptar; 19,4% manifestaram que essa adaptação foi fácil; 13,9% acharam indiferente; 2,8% manifestaram que foi extremamente difícil de se adaptar. Não se resultou nenhuma resposta quando foram indagados se foi extremamente fácil de se adaptar. Esses dados corroboram com os dados da literatura consultada e exposta nas seções de discussão teórica deste trabalho, que evidenciam que, para a maioria dos profissionais de educação, a adaptação ao regime remoto de trabalho na pandemia do COVID-19 foi difícil.

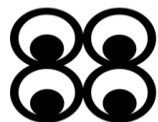
As docentes também foram abordadas para saber as vezes que elas realizam trabalhos em horários e dias diferentes do usual (trabalhar em feriados, finais de semana, turno diferente do contrato). Das entrevistadas 46,5% disseram que muitas vezes; 39,5% sempre realizam as atividades em dias diferentes; 7% responderam que raramente; 4,7% às vezes; e 2,3% nunca realizam as atividades em dias diferentes do contratual, novamente confirmando os dados de outras pesquisas acerca do aumento da carga de trabalho para quase todos os trabalhadores de educação no período pandêmico.

### **Trabalho doméstico**

Essa seção aborda tópicos relacionados às atividades domésticas realizadas pelas professoras participantes da pesquisa. Na primeira pergunta elas foram indagadas a respeito de como avaliavam a carga das atividades domésticas durante a pandemia. Das respondentes 50% explanaram que aumentou muito; 36,1% disseram que aumentou um pouco; 11,1% responderam que não mudou em nada; e 2,8% esclareceram que diminuiu um pouco. Não obtivemos nenhuma resposta explanando que diminuiu muito.

O Quadro 1 exibe as atividades que as docentes realizavam em casa.

Quadro 1. Atividades domésticas realizadas pelas docentes



Atividades	Quantidade
Fazer compras	33 (91,7%)
Limpar e arrumar a casa	33 (91,7%)
Cozinhar	29 (80,6%)
Lavar roupa	29 (80,6%)
Engomar	16 (44,4%)
Dar assistência a um familiar que necessita de cuidado especial	14 (38,9%)
Cuidar de animais	14 (38,9%)
Dar atenção aos filhos quando estão em aula remota	0 (0%)
Cuidar de plantas	1 (2,8%)

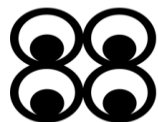
Fonte: Autores, 2024

Os docentes que têm filhos dedicam em média 9 horas diárias com desvio padrão de  $\pm 7,83h$  para o cuidado deles e realizam algumas atividades de cuidado ou entretenimento. O Quadro 2 explana quais são essas atividades e as quantidades. São 22 (61,1%) das 36:

Quadro 2. Atividades realizadas com filhos/as

Atividades	Quantidade
Entretenimento	18 (81,8%)
Rotina do sono	17 (77,2%)
Alimentação	17 (77,2%)





Monitoramento do dia a dia	17 (77,2%)
Acompanhamento das atividades escolares	16 (72,7%)
Cuidado da higiene/asseio	15 (68,1%)

Fonte: Autores, 2024

Ao se analisar tais atividades de cuidados por faixa etária foram encontrados resultados de correlações moderadas positivas com significância para mães de filhos de 0 a 3 anos e de 7 a 10 anos de idade. No quadro 3, explicitamos essas correlações:

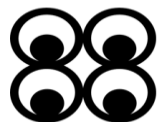
Quadro 3. Correlações com significância de cuidados para com os filhos(as) por faixa etária

Faixa etária	Atividade de cuidado	$\rho$ de Spearman	p-valor
0 a 3 anos	Cuidado da higiene / asseio	0,581	< 0,001
	Rotina do sono	0,519	0,001
	Monitoramento no dia a dia	0,519	0,001
	Horas diárias dedicadas ao cuidado das crianças	0,504	0,001
7 a 10 anos	Acompanhamento de atividades escolares	0,548	< 0,001

Fonte: Autores, 2024

Apesar de identificarmos outras atividades de cuidado com filhos, aparentemente algumas atividades são mais associadas aos filhos menores, que naturalmente são mais dependentes de cuidadores. Já as crianças de 7 a 10 anos geralmente estão em momento importante da vida escolar que é o processo de alfabetização.

Essa barreira quebrada do ambiente de trabalho e a casa da trabalhadora proporcionou uma maior demanda e falta da divisão do espaço trabalho/casa. Reassumindo o que foi dito por Oliveira (2020), ocorreu uma exaustão dessas



trabalhadoras por causa das dúvidas em relação ao futuro, o acúmulo de trabalho remoto, trabalho doméstico e exercício da maternidade.

De acordo com Nascimento et al. (2021), essa diferença de gênero se sobressaiu no período da pandemia, visto que, na divisão sexual do trabalho, a mulher tem dupla jornada, tornando-se responsável pelo trabalho remunerado, atividades domésticas e cuidados com os filhos.

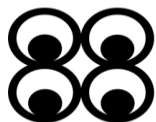
Ademais, o total de filhos na casa apresentou correlação moderada com todas as atividades de cuidado com filhos, quais sejam: alimentação, cuidado da higiene e asseio, rotina do sono, acompanhamento das atividades escolares e entretenimento. Mesmo na hipótese de que algumas dessas atividades podem ser realizadas com mais de um filho simultaneamente, os valores dos coeficientes de correlação apontam indícios de que ocorreu uma intensificação da dedicação a essas atividades.

### Aspectos socioemocionais

Esse isolamento e nova forma de interação trabalhista mudou o modo de se relacionar. Para entender esses fluxos, foi solicitado que as docentes realizassem a classificação do efeito do isolamento social sobre o seu trabalho devido à pandemia, considerando as relações docente-discente; docente-docente; docente-direção; docente-coordenação; docente-responsáveis pelo discente. Para essa avaliação foram utilizadas as seguintes pontuações: 1 – muito negativo; 2 – um pouco negativo; 3 – indiferente; 4 – um pouco positivo; 5 – muito positivo. A média e o desvio populacional dessas relações podem ser vistos no Quadro 4.

Quadro 4. Relações de interações com a docente

Relações com o docente	Média	Desvio padrão
Docente-coordenação	3,33	1,05
Docente-direção	3,30	1,05
Docente-docente	3,26	1,06
Docente – responsáveis pelo discente	2,86	1,13



Docente-discente	2,67	1,20
------------------	------	------

Fonte: Autores, 2024

Em meio a esses resultados, é notório que com o isolamento social algumas dessas relações transitaram entre negativas ou indiferentes, enquanto na relação com outros profissionais da escola houve uma tendência positiva. Isso é confirmado com o relato de uma professora participante: “A maioria dos alunos se afastaram, dificultando a relação docente-discente, e suas famílias são ausentes. A coordenação passou a olhar as necessidades do professor e entender alguns aspectos, o que foi positivo, assim como a angústia e obstáculos surgidos uniram os professores.” Outro relato que fortalece o argumento é o de que “o efeito do isolamento social afeta diretamente a relação do professor para com seus alunos, muito difícil mantê-los atentos à aula de forma remota. Às vezes, a falta de comunicação com alguns pais dificulta ainda mais essa interação. Alguns não entendem que esse processo é novo para todos e há necessidade de calma, paciência e muito diálogo para que a aula avance. O contato com os colegas e coordenação continuou utilizando sempre plataformas virtuais para as reuniões.”

Nessa situação, torna-se notório a importância das relações, do contato, principalmente dessa interação docente – discente – família do discente, para dar continuidade ao planejamento.

Os níveis das alterações nas relações das docentes com outros grupos devido ao isolamento social também indicaram associações entre si sendo identificadas por correlações. Todas as relações foram alteradas em níveis distintos e todas as alterações mostraram-se associadas com as demais com significância estatística. Tais associações são apresentadas no Quadro 5:

Quadro 5. Correlações entre as alterações nas relações das docentes com outros grupos

Relações das docentes com outros grupos		$\rho$ de Spearman	p-valor
Docente - direção	Docente - coordenação	0,837	< 0,001
Docente - direção	Docente - responsáveis pelo discente	0,709	< 0,001
Docente - discente	Docente - responsáveis pelo discente	0,664	< 0,001
Docente - docente	Docente - coordenação	0,605	< 0,001





Docente - docente	Docente - responsáveis pelo discente	0,604	< 0,001
Docente - discente	Docente - direção	0,581	< 0,001
Docente - coordenação	Docente - responsáveis pelo discente	0,573	< 0,001
Docente - docente	Docente - direção	0,553	< 0,001
Docente - discente	Docente - docente	0,522	0,001

Fonte: Autores, 2024

Nota-se, pelo coeficiente de Spearman, que as alterações das relações estão mais fortemente associadas às alterações de relações com diretores e coordenadores, seguidas das alterações nas relações com os responsáveis pelos discentes; e são associadas com correlações moderadas entre as alterações nas relações com outros docentes e com os discentes.

Outra análise realizada foi em relação aos sentimentos ao se trabalhar de forma socialmente isolada, percebeu-se que o sentimento de tranquilidade torna as docentes produtivas e confortáveis. Já quando as sensações não são boas as tornam improdutivas, frustradas ou irritados. Essas correlações e sensações podem ser percebidas através do Quadro 6.

Quadro 6. Correlações entre os sentimentos e sensações

Sentimentos	Sensações	$\rho$ de Spearman	p-valor
Tranquilo	Confortável	0,636	< 0,001
	Produtivo	0,533	< 0,001
Produtivo	Confortável	0,533	< 0,001
Deprimido	Irritado	0,719	< 0,001
Irritado	Improdutivo	0,570	< 0,001
Estressado	Frustrado	0,531	< 0,001

Fonte: Autores, 2024

Oliveira e Santos (2021) confirmam que a pandemia aumentou o quadro de adoecimento mental dos docentes, principalmente por ter sido um período de grandes instabilidades, uma mudança repentina que exigiu mudanças e práticas que resultaram em altos níveis de estresse e ansiedade, algo que pode ser confirmado no presente estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados da presente pesquisa foi possível confirmar que a pandemia do COVID-19 foi um momento de bastante adaptação. É notório que esse momento inesperado, vivenciado por todos, acarretou alguns prejuízos, sejam financeiros, emocionais e físicos de forma específicas às pessoas docentes e, notadamente, no caso de docentes do gênero feminino.

Em aspectos demográficos, dentre as participantes da pesquisa houve predominância de faixa etária das docentes da instituição mulheres entre 26 e 35 anos, configurando mais da metade das participantes da pesquisa. Além disso, pode-se constatar um equilíbrio no que tange ao estado civil de solteira e a somatória de casadas ou em união estável; em sua maioria possuindo filhos.

Quanto aos aspectos da atividade profissional, o grupo que se destaca está a pouco tempo na instituição, de 1 a 5 anos. No que diz respeito às séries de ensino, percebe-se uma predominância feminina nas fases de ensino iniciais, educação infantil e ensino fundamental I, séries essas caracterizadas pelas etapas de cuidados, as quais culturalmente são destinadas às mulheres. Das docentes, grande parte realiza outra atividade empregatícia fora da instituição, havendo poucas se afastado da instituição por algum motivo de doença relacionada ao trabalho.

Referente aos aspectos do trabalho durante a pandemia, evidenciou-se que com a pandemia a carga de trabalho aumentou. Além dessa situação, a maioria das professoras relataram que a adaptação a esse regime de ensino foi difícil. Isso se dá devido ao fato de estarem expostas a uma nova realidade, na qual foi necessário um processo de adaptação sem tanta instrução, bem como da transferência de ambiente de trabalho, quebrando a divisão do local de trabalho e casa. O aumento dessa demanda também é justificado pelo tempo extra que elas dedicaram às atividades em dias e turnos diferentes do usual.

Constatou-se que, no grupo pesquisado, o maior tempo em casa aumentou a carga de trabalho doméstico, atividades que antes eram terceirizadas, passaram a ser realizadas pelas próprias docentes. Isso foi evidenciado quando questionados sobre a avaliação da carga de trabalho doméstico. Além disso, as docentes que têm filhos precisaram dedicar mais tempo às atividades das crianças, seja de alimentação, cuidado da higiene, acompanhamento das atividades escolares ou entretenimento.

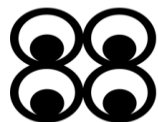
O processo de isolamento também dificultou algumas relações entre docentes, discentes e seus responsáveis. Essa ausência da família e o afastamento do aluno complicaram os momentos de aprendizagem. Quanto ao contato com os colegas de trabalho, coordenação e direção, foi possível perceber um certo apoio para tentar lidar com esse momento.

Outra situação vivenciada foi em relação aos sentimentos ao se trabalhar de forma socialmente isolada, percebendo-se que quando elas estavam tranquilas suas sensações eram boas, sentiam-se confortáveis, produtivas e confiantes. Porém, quando existia estresse, irritabilidade ou momentos deprimidos, as sensações não eram boas, ficavam improdutivas, irritadas ou frustradas. Essas emoções são comprovadas pelo momento de instabilidade e a mudança repentina, a qual ninguém esperava.

Em meio a esses dados, foi possível analisar os aspectos do trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19, com ênfase nas questões de gênero e do conflito entre trabalho e família. O que evidenciou que esse momento acarretou uma maior demanda de trabalho tanto docente como doméstico, processo que gerou repercussões socioemocionais significativas.

Considerando que o período de isolamento social da pandemia do COVID-19 pode ser instrutivo para outros momentos e realidades nos quais predominem a modalidade de trabalho remoto, é possível defender que há necessidade de uma maior atenção à configuração do trabalho com estabelecimento de pausas, apoio psicossocial para evitar agravamento de problemas de saúde mental e o desenvolvimento de políticas que facilitem o acesso dos profissionais a recursos tecnológicos e outros meios que mitiguem os problemas do trabalho em contextos similares ao da pandemia de COVID-19.

## REFERÊNCIAS



AL-ALAWI, A. I. et al. A study of the effects of work-family conflict, family-work conflict, and work-life balance on Saudi female teachers' performance in the public education sector with job satisfaction as a moderator. **Journal of International Women's Studies**, v. 22, n. 1, p. 486–503, 2021. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2395&context=jiws.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.

ALLGOOD, M.; JENSEN, U. T.; STRITCH, J. M. Work-Family Conflict and Burnout Amid COVID-19: Exploring the Mitigating Effects of Instrumental Leadership and Social Belonging. **Review of Public Personnel Administration**, vol. 44, n. 01, p. 139-160, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0734371X221101308>. Acesso em: 31 out. 2024.

ANDRADE, C.; LOUSÃ, E. P. Telework and work-family conflict during covid-19 lockdown in portugal: The influence of job-related factors. **Administrative Sciences**, v. 11, n. 3, s/p, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3387/11/3/103>. Acesso em: 31 out. 2024.

BARRIGA MEDINA, H. R. et al. The influence of work-family conflict on burnout during the covid-19 pandemic: The effect of teleworking overload. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 19, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34639602/>. Acesso em: 31 out. 2024.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Círculo do livro, 1949.

BERNHARDT, J.; RECKSIEDLER, C.; LINBERG, A. Work from home and parenting: Examining the role of work-family conflict and gender during the COVID-19 pandemic. **Journal of Social Issues**, n. May, p. 1–36, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9349714/>. Acesso em: 31 out. 2024.

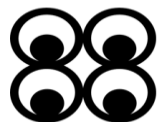
BRAGGER, J. D. et al. Work-family conflict, work-family culture, and organizational citizenship behavior among teachers. **Journal of Business and Psychology**, v. 20, n. 2, p. 303–324, 2005. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10869-005-8266-0>. Acesso em: 31 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atendimento e fatores de risco**. Brasília–DF, Publicado em 08/04/2021 19h01 Atualizado em 08/04/2021 19h06. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/atendimento-tratamento-e-fatores-de-risco>. Acesso em: 08 de março de 2023.

BURIĆ, I. et al. Work – family conflicts and teacher commitment during the COVID-19 pandemic : a moderated mediation analysis of emotional exhaustion and psychological capital of emotional exhaustion and psychological capital. **Educational Psychology**, v. 0, n. 0, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01443410.2022.2091750>. Acesso em: 31 out. 2024.

BUCHWEITZ, M. Um olhar para o professor no processo de ensino e aprendizagem remoto. **Olhar de professor**, v. 24, p. 1-22, 2021. Disponível em:





<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16185>. Acesso em: 31 out. 2024.

CATANI, D.; BUENO, B. ; SOUSA, C.; SOUZA, M. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHAKRAVORTY, A.; SINGH, P. Burnout Among Primary Government School Teachers: The Mediating Role of Work– Family Conflict. **Journal of Human Values**, v. 27, n. 2, p. 126–140, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0971685820953989?journalCode=jhva>. Acesso em: 31 out. 2024.

CHAMON, M. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CINAMON, R. G.; RICH, Y. Reducing teachers' work-family conflict: From theory to practice. **Journal of Career Development**, v. 32, n. 1, p. 91–103, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0894845305277044>. Acesso em: 31 out. 2024.

CRUZ, L. M.; COELHO, L. A.; FERREIRA, L. G. Docência em tempos de pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**, v. 13, n. 31, p. 992-1016, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/11798>. Acesso em: 31 out. 2024.

DE LA CRUZ, Máira Guimarães Araújo; DUTRA, Renata Queiroz. Atividades essenciais no contexto da pandemia da Covid-19 e a centralidade do trabalho digno. **Política & Sociedade**, v. 20, n. 48, p. 14-40, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/79437>. Acesso em: 31 out. 2024.

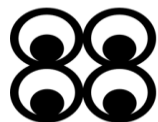
ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FRANK, E. et al. Experiences of Work-Family Conflict and Mental Health Symptoms by Gender among Physician Parents during the COVID-19 Pandemic. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 11, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34767022/>. Acesso em: 31 out. 2024.

GHISLIERI, C. et al. Work-family conflict during the Covid-19 pandemic: teleworking of administrative and technical staff in healthcare. An Italian study. **La Medicina del lavoro**, v. 112, n. 3, p. 229–240, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8223941/>. Acesso em: 31 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.





GREENHAUS, J. H.; BEUTELL, N. J. Sources of Conflict Between Work and Family Roles. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 1, p. 76–88, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/258214>. Acesso em: 31 out. 2024.

HONG, X.; LIU, Q.; ZHANG, M. Dual Stressors and Female Pre-school Teachers' Job Satisfaction During the COVID-19: The Mediation of Work-Family Conflict. **Frontiers in Psychology**, v. 12, n. June, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2021.691498/full>. Acesso em: 31 out. 2024.

IBRAHIM, R. Z. A. R. et al. The effects of work-family conflict on teachers' job satisfaction: A study in the East Coast of Malaysia. **International Journal of Innovation, Creativity and Change**, v. 13, n. 3, p. 542–556, 2020. Disponível em: [https://www.ijicc.net/images/vol\\_13/Iss\\_3/13376\\_Ibrahim\\_2020\\_E\\_R.pdf](https://www.ijicc.net/images/vol_13/Iss_3/13376_Ibrahim_2020_E_R.pdf). Acesso em: 31 out. 2024.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estatísticas Censo Escolar**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil>. Acesso em: 24 out. 2024.

KARAKOSE, T. et al. Exploring the Interrelationship between COVID-19 Phobia, Work-Family Conflict, Family-Work Conflict, and Life Satisfaction among School Administrators for Advancing Sustainable Management. **Sustainability**, v. 13, n. 15 p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/gam/jsusta/v13y2021i15p8654-d607557.html>. Acesso em: 31 out. 2024.

LI, Xiaoyu; CHEN, X.; GAO, D. Influence of Work-Family Conflict on Turnover Intention of Primary and Secondary School Teachers: Serial Mediating Role of Psychological Contract and Job Satisfaction. **Frontiers in Psychiatry**, vol. 23, p. 01-11, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9086593/>.pdf. Acesso em: 31 out. 2024.

LOBO, A. P. S. L. L. et. al. Narrativas sobre a docência no contexto da pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 06, n. 19, p. 1137-1154, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9251>. Acesso em: 31 out. 2024.

LOSCALZO, Y. The Impact Of Workaholism And Work Engagement On Distant Learning And Work-Family Conflict During The Covid-19 Lockdown. **Amfiteatru Economic**, 2021. v. 23, n. 58, p. 752–769. Disponível em: [https://www.amfiteatruconomic.ro/temp/Article\\_3033.pdf](https://www.amfiteatruconomic.ro/temp/Article_3033.pdf). Acesso em: 31 out. 2024.

LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. n. 46. p. 201-218., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/5mdHWDNFqgDFQyh5hj5RbPD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 de fev. 2024.





MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MOHAMMED, Z. et al. Job satisfaction while working from home during the COVID-19 pandemic: do subjective work autonomy, work autonomy, work-family conflict, and anxiety related to the pandemic matter? **Cogent Psychology**, v. 9, n. 1, p. 01-21, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23311908.2022.2087278>. Acesso em: 31 out. 2024.

MONTAZER, S. et al. COVID-19 Onset, Parental Status, and Psychological Distress among Full-time Employed Heterosexual Adults in Dual-earning Relationships: The Explanatory Role of Work-family Conflict and Guilt. **Society and Mental Health**, vol. 12, n. 02, p. 119-136, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/21568693221096189?journalCode=smh>. Acesso em: 31 out. 2024.

MORGAN, H. **A sociedade primitiva**. Lisboa: Presença, 1976.

NEO, L. S.; TAN, J. Y. C.; CHEW, T. W. Y. The Influence of COVID-19 on Women's Perceptions of Work-Family Conflict in Singapore. **Social Sciences**, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/gam/jscscx/v11y2022i2p73-d749404.html>. Acesso em: 31 out. 2024.

PEREIRA, M.D. et. al. Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na Educação Básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero. **Educação: revista do Centro de Educação UFSM**, v. 48, p. 1-31, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/70057>. Acesso em: 31 out. 2024.

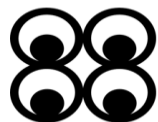
PEREIRA, S. **A importância feminina na construção de uma cultura de paz durante a pandemia de Covid-19**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) – Departamento de Mediações Interculturais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/28203>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PU, J. et al. The effect of psychological capital between work–family conflict and job burnout in Chinese university teachers: Testing for mediation and moderation. **Journal of Health Psychology**, v. 22, n. 14, p. 1799–1807, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27030731/>. Acesso em: 31 out. 2024.

REIMANN, M.; PETERS, E.; DIEWALD, M. COVID-19 and Work–Family Conflicts in Germany: Risks and Chances Across Gender and Parenthood. **Frontiers in Sociology**, v. 6, n. January, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35071402/>. Acesso em: 31 out. 2024.

RÎGLEA, S.; RUS, C. L.; RAȚIU, L. The Mediating Role of Work-Family Conflict in the Relationship Between Technostress and Psychological Well-being in the COVID-19 Pandemic Context. **Psihologia Resurselor Umane**, v. 19, n. 2, p. 123–140, 2021. Disponível em: <https://www.hrp-journal.com/index.php/pru/article/download/497/486/1744>. Acesso em: 31 out. 2024.





SAVIANI, Dermeval. Crise Estrutural, Conjuntura Nacional, Coronavírus E Educação – O Desmonte Da Educação Nacional. **Rev. Exitus**, v. 10, e020063, 2020 . Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602020000100012&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602020000100012&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 09 mar. 2023.

SANTOS, A.R. et. al. Docência e pandemia: os desafios do ensino remoto segundo professores da Educação Básica baiana. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v.6, n.2, p. 218-239, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/9665>. Acesso em: 31 out. 2024.

SOUZA, J.M.; DELL'AGLI, D. A. V.; COSTA, R.Q.F.; CAETANO, L.M. Docência na pandemia: saúde mental e percepções sobre o trabalho online. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.2, p. 142-159, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/59047>. Acesso em: 31 out. 2024.

VIANNA, C. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.81-103. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 de mar. 2024.

WIJAYATI, D. T.; KAUTSAR, A.; KARWANTO, K. Emotional intelligence, work family conflict, and job satisfaction on junior high school teacher's performance. **International Journal of Higher Education**, v. 9, n. 1, p. 179–188, 2020. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1237099.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.

ZHOU, M. et al. The Effect of Work-Family Conflict on Occupational Well-Being Among Primary and Secondary School Teachers: The Mediating Role of Psychological Capital. **Frontiers in Public Health**, vol. 28, n. 09, p. 01-10, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8581260/pdf/fpubh-09-745118.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.

*Submetido em: 31/10/2024*

*Aceito em: 15/04/2025*

